



2017/04/10

Há uma nova estratégia dos EUA para Síria?

Alexandre Reis Rodrigues

Rex Tillerson, secretário de Estado da administração Trump, que visitará Moscovo nos próximos dias 11 e 12 de abril, fez questão de esclarecer que o ataque à base aérea de Al Sayrat¹, a 4 de abril, não constitui qualquer alteração à política americana para o conflito sírio. William Cohen² chama a atenção para o significado da decisão, dizendo que um ataque com mísseis, só por si, não revela uma estratégia.



Possivelmente, estão os dois corretos. Os EUA não mudaram a política nem passaram a ter algo a que se possa chamar estratégia para a solução do problema sírio e restaurar a credibilidade que de algum modo perderam num conflito que se eterniza, sob uma teia de interesses externos contraditórios. Pergunta-se, então, o que terá levado Trump a tomar uma decisão que combateu ativamente quando, em 2013, o seu antecessor ponderava tomá-la? Nessa altura, Trump insistia na necessidade de fazer preceder a decisão por uma consulta ao Congresso, onde Obama não recolheria uma maioria favorável.

Trump tem razão quando diz que já chega de marcar linhas vermelhas a que depois não é dado o esperado seguimento. Estava a referir-se à que Obama tinha estabelecido quando ameaçou com punições rigorosas caso fossem usadas armas químicas, mas que não honrou, por troca com um acordo promovido por Moscovo para a remoção total desse arsenal. Uma linha vermelha contra o uso de armas químicas, que estão proibidas, faz sentido pela natureza hedionda desse tipo de ataque, mas se queremos abordar o conflito pela via das linhas vermelhas, então como podemos deixar de lado o quase meio milhão de vítimas mortais e os vários milhões de refugiados e deslocados?

Trump ao decidir o ataque, que o seu antecessor recusou em 2013, introduziu pelo menos uma mudança política na postura dos EUA. Não quis deixar dúvidas que seria intolerante com a repetição do uso de armas químicas. Mas a forma usada foi mais simbólica do que efetiva, quando muito um sinal. Só por si não alterará nada de significativo na evolução da situação.

Alteraria se, por exemplo, abrangesse todas as bases aéreas que o regime ainda dispõe sob seu controlo e de onde a sua aviação opera de forma desproporcionada contra a oposição. Seis dessas bases estão associadas a capacidades de uso de armas químicas. Trump, no entanto, foi extremamente cuidadoso para não dar pretexto a qualquer escalada que envolvesse diretamente a Rússia. Limitou a lista de alvos³ ao

¹ A base tem duas pistas e 40 abrigos protegidos ("bunkers"). Inclui três esquadrilhas de Mig 23 e SU 22. A Rússia utiliza esta base para operação de helicópteros MI 24 e MI 35.

² Secretário da Defesa na administração Clinton. «One missile strike is not a strategy».

³ Segundo um relato da imprensa internacional, terão sido destruídos seis Mig 23 que se encontravam em manutenção, mas outras fontes referem a destruição de vinte aviões, todos sírios. Terão morrido, em consequência do ataque, seis militares e nove civis sírios.

setor sírio da base de onde partiram os aviões que fizeram o ataque⁴ e avisou Moscovo, cerca de uma hora antes, para retirar os militares russos eventualmente presentes.

Tudo parece indicar, portanto, que Trump vai permanecer fiel ao que sempre disse ou deu a entender sobre o conflito sírio: não se envolver nem levantar objeções quanto à permanência de Assad,⁵ sob a ideia de que não vê na oposição ao regime potencial para tornar a situação melhor. O seu grande objetivo para a região é a destruição do ISIS, o que implica uma parceria estratégica com a Rússia.

Volto à questão inicial. Porque decidiu então lançar um ataque que não se mostra alinhado com o objetivo atrás descrito? Na minha leitura, porque no conjunto de riscos e vantagens que a decisão acarretou, a balança pende claramente para várias vantagens importantes, principalmente no campo interno. Obtêm o apoio de republicanos e democratas que nunca se mostraram conformados com a inação do seu antecessor e retira espaço aos que têm insinuado que estaria refém de entendimentos com o regime russo, feitos por membros do seu círculo próximo ainda na campanha eleitoral e de uma forma que tentou escapar ao escrutínio político. Trump consegue desta forma afastar, pelo menos parcialmente, a pressão a que tem estado sujeito neste campo, com várias investigações em curso.

Na frente externa, também como vantagem, mostra a Pequim, em plena visita do seu líder aos EUA, que não hesitará a usar a força quando entender que as circunstâncias exigem, ficando subentendido que o próximo alvo pode ser a Coreia do Norte. A deslocação de um grupo aeronaval incluindo um porta-aviões da classe "Nimitz", anunciada a todo o mundo, procura precisamente tornar inequívoca a sua vontade de atuar sobre a Coreia do Norte, se necessário, unilateralmente. Ou seja, mais uma forma de pressionar Pequim.

Mas corre também alguns riscos, que, pelos vistos, na análise feita pela administração, não serão muito relevantes. No campo da política externa, tem o risco de tornar mais difícil o relacionamento com a Rússia, em que tanto mostrou querer apostar. A decisão russa de retirar do programa original da visita de Tillerson um encontro com Putin mostra bem como o relacionamento vai complicar-se. No âmbito militar da intervenção na Síria, as forças da coligação vão ter que tomar precauções adicionais face à recusa russa de manter em vigor o acordo existente para evitar interferências mútuas.

No campo interno, a corrente de opinião que está à espera que o ataque seja o sinal de uma nova estratégia que recupere a liderança regional, perdida para a Rússia⁶ vai ficar desapontada e voltará às críticas. Poderia ser diferente? Muito dificilmente. É tarde de mais para tentar. As opções militares neste momento, com a Rússia muito ativa no teatro,⁷ são muito mais reduzidas do que anteriormente, especialmente no início do conflito, ou mesmo quando o Presidente Obama marcou a linha vermelha.

Em resumo, não é de esperar qualquer alteração relevante no quadro geral do conflito. Vamos ter que continuar a assistir á destruição do País até que uma das partes ceda.

⁴ Os serviços de "intelligence" dos EUA, ao que consta, terão recolhido provas inquestionáveis ligando os ataques com as movimentações de aéreos da base em questão.

⁵ Recentemente, a embaixadora dos EUA junto da ONU deixou em aberto a possibilidade de Washington passar a fazer pressão para a saída de Assad.

⁶ Robert Kaplan não hesitou em dizer que Trump merece crédito por ter feito o que Obama não fez, deixando a Rússia passar a desempenhar o papel de "major power broker" para a região.

⁷ Para além do Irão que terá cerca de 7.000 efetivos no terreno e o Hezbollah, segundo